

**NILCEIA VAZ DE FARIA**

**PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA FAMILIAR**

**CURITIBA  
2009**

**NILCEIA VAZ DE FARIA**

**PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO FINANCEIRA FAMILIAR**

**Monografia apresentada ao Programa do Curso de Pós-Graduação do Departamento de Contabilidade, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Especialista em Contabilidade e Finanças.**

**Prof. Orientador: Moisés Prates Silveira**

**CURITIBA  
2009**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de estar no mundo, ter o dom da vida e a capacidade de progredir e vencer desafios.

Aos meus pais – Gilto e Eunice – em especial e à toda minha família, agradeço pelo o amor, carinho, compreensão e respeito.

Aos grandes amigos que fiz na jornada do estudo e a todos que passaram na minha vida e de alguma forma deram sua contribuição para a realização desse trabalho.

## **LISTA DE TABELAS**

**TABELA 1 - Modelo de Planilha para Pesquisa de Orçamento Familiar**

**TABELA 2 – Orçamento Doméstico Família 1**

**TABELA 3 – Orçamento Doméstico Família 2**

**TABELA 4 – Orçamento Doméstico Família 3**

**TABELA 5 – Orçamento Doméstico Família 4**

## LISTA DE GRÁFICOS

**GRÁFICO 1 – Comparativo de renda x despesas entre as famílias pesquisadas**

## RESUMO

A gestão das finanças pessoais pode ser simplificada se houver a reflexão a respeito de que só se deve adquirir o que se pode pagar, administrar as finanças consiste em resistir às pressões do capitalismo e superar o apelo consumista, sabendo-se que o consumo planejado e contido evita problemas e garante o patrimônio e o conforto. No entanto, a falta de administração das finanças pessoais é uma realidade no cotidiano da população brasileira, o que justifica os resultados das Pesquisas de Orçamento Familiares (POFs) que apontam os principais elementos de consumo e o percentual que cada um representa na renda familiar. Alimentação, habitação, educação e transporte estão presentes na lista de qualquer das faixas de renda da classe média, cada um com suas devidas proporções. O problema que se coloca em questão é a gestão da renda, já que cada família tem uma característica com relação ao número de membros, número de pessoas que geram renda, necessidades e possibilidades de cada um. O planejamento das finanças não visa apenas o sucesso financeiro, ele é relevante também para o sucesso pessoal e profissional, serve como um mapa de navegação, mostra onde está, onde quer chegar e indica os caminhos a percorrer.

**Palavras-Chave:** gestão financeira, finanças, orçamento familiar

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
1.1 Contextualização do Problema.....	9
1.2 Questões da Pesquisa.....	9
1.3 Objetivos.....	9
1.3.1 Objetivo Geral.....	9
1.3.2 Objetivos Específicos.....	10
1.4 Metodologia.....	10
1.5 Justificativa.....	11
1.6 Estrutura do Trabalho.....	12
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	14
2.1 Finanças Pessoais.....	14
2.1.1 O Dinheiro.....	14
2.1.2 Renda x Consumo.....	18
2.1.3 Panorama do controle financeiro da população consumidora no Brasil.....	20
2.1.4 O orçamento do cidadão brasileiro.....	22
2.1.5 Medidas para reduzir o consumo e manter o orçamento.....	23
2.2 Planejamento de Despesas.....	25
2.2.1 Orçamento doméstico - Planejamento de entrada x saída.....	26
<b>3 RESULTADO DO ESTUDO</b> .....	29
3.1 Pesquisa de Orçamento Familiar.....	29
3.2 Análise e comparações.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38
<b>ANEXOS</b> .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

A ausência de educação, planejamento e análise das finanças pessoais, somada à falta de interesse pelo tema, acarretam em um grande número de pessoas com problemas para administrar seus próprios recursos, vide o grande índice de inadimplência em cartões de crédito, financeiras, cheques pré-datados, entre outros.

Problemas financeiros, inevitavelmente impactarão em reflexos nas questões profissionais, pessoal e familiar. Muitas vezes, a falta de dinheiro ou a má administração dele, prejudica até mesmo as relações sociais. Comportamentos agressivos e até mais pessimistas podem estar associados a problemas financeiros. A ausência de um planejamento do próprio dinheiro provoca a desestabilização em vários aspectos relacionados ao comportamento humano. É importante perceber que todo cidadão é gestor de suas finanças e, para que obtenha êxito nessa atividade, precisa realizar uma análise equilibrada de seus hábitos e pretensões, cruzando dados da expectativa e da realidade.

A gestão das finanças pessoais pode ser resumida numa reflexão sobre não adquirir mais do que se pode pagar, em suma, resistir às pressões do capitalismo e superar o apelo consumista. É imprescindível para uma boa gestão orçamentária, a consciência de que, o consumo planejado e contido pode evitar o caos e garantir a perpetuação do patrimônio e do conforto.

Muitas pessoas desconhecem ou não avaliam seu patrimônio pessoal, um problema que é acrescido do desconhecimento do volume das despesas mensais e do quanto precisariam para viver de forma confortável. Ao organizar as finanças com critérios definidos e sendo realista com relação a receitas e despesas, as pessoas podem descobrir os recursos que possuem e assim ampliar seu grau de segurança, por meio de uma visão mais realista de seu cotidiano financeiro.

A presente pesquisa busca salientar as questões que permeiam a gestão das finanças pessoais: o dinheiro, os produtos, os serviços, as necessidades, as possibilidades, o necessário e o supérfluo, tecendo uma análise a respeito das principais ferramentas e da importância delas para gerir estes fatores, bem como, apontar seus benefícios para a manutenção do bem-estar financeiro.



## 1.1 Contextualização do Problema

A falta de administração das finanças pessoais é uma realidade no cotidiano da população brasileira, o que justifica os resultados das Pesquisas de Orçamento Familiares (POFs) que apontam os elementos de consumo e o percentual que cada um representa na renda da família. Essas pesquisas apontam que independente da faixa de renda que a família se enquadre os itens de consumo serão praticamente os mesmos – excetuando-se apenas elementos como lazer e cultura.

Alimentação, habitação, educação e transporte estão presentes na lista de itens de consumo de qualquer das faixas de renda da classe média, cada um com suas devidas proporções. O problema que se coloca em questão é a gestão da renda, já que cada família tem uma característica com relação ao número de membros, número de pessoas que geram renda, necessidades e possibilidades de cada um. Há essa preocupação entre as famílias brasileiras em planejar os gastos?

## 1.2 Questões da Pesquisa

A presente pesquisa é cercada de algumas questões que auxiliam na determinação do objetivo a ser alcançado:

Como está organizado o orçamento de famílias da classe média?

Quais os principais itens de consumo a que se dedica a renda?

O que muda na característica de cada família, com relação a renda e hábitos de consumo?

Quais as vantagens de um planejamento do orçamento?

Como fazer um orçamento doméstico?

## 1.3 Objetivos

### 1.3.1 Objetivo Geral

Analisar as finanças pessoais de famílias cuja renda varia entre R\$ 1000,00 a R\$ 7.000,00, a fim de detectar os seus principais itens de consumo, de acordo com o que aponta a Pesquisa de Orçamento Familiar do IBGE.

### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Discorrer sobre a importância do controle do orçamento familiar;
- Levantar os comentários de autores e estudiosos a respeito do tema;
- Pesquisar os hábitos de consumo de famílias da classe média;
- Analisar os principais itens de consumo de cada família;
- Realizar a análise dos percentuais da renda dedicado a cada item;
- Comparar o consumo de cada família considerando sua respectiva renda;
- Desenvolver comentário a respeito dos resultados obtidos.

### 1.4 Metodologia

Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. Os dois processos pelos quais se podem obter dados são: a documentação *direta* e a *indireta*.

A direta constitui-se no levantamento de dados no próprio lugar onde os fenômenos ocorrem e podem ser levantados por pesquisa de campo ou laboratório. Já a indireta se realiza por meio de fontes de dados coletados por outras pessoas, esse tipo de pesquisa se divide em pesquisa documental (fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (fontes secundárias), a qual trata de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita, sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito sobre determinado assunto. O objetivo disso é permitir o reforço paralelo na análise das pesquisas ou a manipulação de suas informações. (LAKATOS & MARCONI, 1983, p. 44)

A metodologia utilizada na presente pesquisa, se baseou na busca de referenciais teóricos em livros, revistas e demais publicações específicas, de forma a

apresentar a opinião de diversos autores a respeito do tema, ou seja, segundo as definições de Lakatos & Marconi (1983, p. 44) trata-se do desenvolvimento de uma pesquisa indireta de fontes secundárias.

Além das pesquisas indiretas, foram buscados ainda, elementos que pudessem contribuir com a gestão das finanças pessoais, dicas e informações que auxiliem as pessoas na administração de seus rendimentos, baseadas na experiência e no estudo de teóricos da área econômica. Tais dicas estão dispostas e apresentadas no corpo dos capítulos, sempre embasadas na opinião de estudiosos.

A pesquisa também é composta de apresentação e análise de casos reais, ou seja, segundo Lakatos & Marconi (1983), trata-se de uma pesquisa de campo, que traz exemplos reais do cotidiano e que ilustram a discussão que embasa a presente pesquisa. São abordadas situações comuns do dia-a-dia de cidadãos pertencentes à classe média, as quais foram baseadas nas pesquisas sócio-econômicas.

Tal análise foi realizada com o intuito de aproximar a pesquisa teórica da realidade, foi desenvolvida uma simulação, em que se faz uso de instrumentos e/ ou ferramentas específicas que permitem apresentar a teoria pesquisada de uma forma real. Tal processo se dá por meio da utilização de planilhas e análise orçamentária simples, característica essa que contribui com a redução de erros e reduz o nível de complexidade.

Cabe observar que os dados utilizados nas exemplificações (tabelas de orçamentos familiares), são provenientes de informações reais vindas de famílias de classe média, as quais serviram de base amostral para a formação dos dados que sedimentaram a presente pesquisa.

Segundo Lakatos & Marconi (1983, p. 44) “a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

## 1.5 Justificativa

Conhecendo-se bem as influências do processo de tomada de decisão no momento de efetuar uma despesa e educando-se financeiramente, a administração das finanças pessoais fica mais objetiva e mais fácil se tornará seu controle.

A desorganização financeira é um problema que afeta todo aquele que desconhece o equilíbrio entre o dinheiro que recebe e o que gasta. A facilidade de aquisição a crédito de muitos bens inúteis, além de ser uma atitude antiecológica, pois aumenta a produção de lixo, faz com que os ganhos financeiros escoem pelo ralo das dívidas. O consumidor, quando não tem um plano de metas, normalmente pensa em consumir de imediato. Contudo, havendo um plano estabelecido antes de se contrair a dívida sem necessidade ou efetuar uma despesa, a reflexão sobre o impacto negativo dessas ações ocorrerá naturalmente.

O dinheiro interfere em nossos objetivos, sonhos, humor e personalidade. Uma crise financeira pessoal gera efeitos negativos e muitos problemas na vida das pessoas afetando até mesmo a saúde. Portanto se faz necessário ter domínio sobre a vida pessoal financeira, definindo a utilização correta dos recursos. A prática do planejamento financeiro pessoal é extremamente benéfica e sua implementação será necessária para se atingir o equilíbrio financeiro.

A Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) realizada a cada cinco anos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou, em sua última realização (2002-2003) que a família brasileira tem um rendimento médio mensal de R\$ 1.789,66, o que justifica o fato das análises de finanças pessoais realizadas na presente pesquisa serem de famílias cuja renda mensal varia entre R\$ 2000,00 e R\$ 7.000,00, correspondendo a faixa salarial da classe média da população brasileira.

## 1.6 Estrutura do Trabalho

O trabalho é delimitado pela pesquisa a respeito do orçamento doméstico, o controle das finanças e o uso de ferramentas que auxiliem na busca do sucesso econômico.

O capítulo 2 discorre a respeito das finanças pessoais, que inicia com um levantamento sintético das principais razões que levam a pessoa física a realizar uma análise das suas finanças. Os principais temas de discussão desse capítulo são a respeito do dinheiro, dos tipos de consumidor e do panorama de consumo da população brasileira, abrangendo o consumismo enquanto doença e as formas de evitar o consumo compulsivo e manter o orçamento em dia.

Ainda no capítulo 2 a abordagem é a respeito do planejamento de despesas, uma tentativa de convencimento a respeito do “Por que planejar?” que segue para uma explanação a respeito das despesas e da importância do planejamento.

O capítulo 3 apresenta a pesquisa de campo realizada com famílias de classe média, a respeito de seus hábitos de consumo. Consta ainda uma breve análise com relação ao desempenho da renda de cada grupo familiar co-relacionado com o consumo. A pesquisa é baseada nos itens questionados na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF).

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Finanças Pessoais

O cidadão, economicamente denominado pessoa física, em geral procura tratar, planejar ou acompanhar suas finanças pessoais, por basicamente três razões principais:

- descontentamento com suas aplicações financeiras e necessidade de compreender melhor para saber como multiplicar os investimentos, e lidar com o medo dos riscos de perder o patrimônio;
- eminência de mudança da vida financeira, por situações diversas, seja casamento ou separação; herança a receber; mudança de residência (sair da casa dos pais e tornar-se independente), mudar de país, enfim tantas outras situações que caracterizem uma alteração na vida financeira.
- ter adquirido dívidas longas e de alto valor, que caracterizem dificuldade no pagamento e haja a necessidade de rever os hábitos financeiros para facilitar a quitação do débito.

Portanto, uma realidade a ser considerada, é que o cidadão do século XXI deveria tratar de suas finanças pessoais como trata de sua saúde bucal, por exemplo, buscando um “consultor financeiro” ao menos uma vez por ano, para discutir os investimentos no planejamento do próximo período, as alternativas de realização dos sonhos e atualizar-se com as novidades financeiras para facilitar o próprio gerenciamento do patrimônio. Não é correto deixar para buscar ajuda quando a situação já está descontrolada, afinal a prosperidade, seja para as pessoas, as empresas ou os governos, começa com o controle do fluxo de caixa.

#### 2.1.1 O Dinheiro

Na sociedade dos dias de hoje, mesmo que alguns recusem a idéia, o dinheiro tornou-se o centro de todas as discussões, a causa dos benefícios e males, o regulador do rumo das relações.

A maioria dos trabalhadores assalariados passa a maior parte do tempo trabalhando, sem falar nos momentos gastos em engarrafamentos de trânsito, seja

dentro de seu próprio automóvel ou de um coletivo. Queira ou não, o motivo principal do trabalho para muitas pessoas é ganhar dinheiro, a contrapartida natural para o dispêndio de tempo em uma função a serviço de outrem.

O salário pode [...] ser considerado um fator de motivação ou desmotivação para o trabalho, dada a importância que a recompensa financeira tem na satisfação das necessidades humanas, mas não o principal fator ou motivo de felicidade pessoal.

Por que, então, gastar tanto tempo da vida em busca de dinheiro se ter dinheiro, para muitos, é considerado menos importante que cultivar amizades, divertir-se ou passar momentos agradáveis com a família? Algo está errado. Será que, na verdade, ter amigos, ter momentos de lazer e ficar com a família são atividades não tão importantes? A resposta para ambas as perguntas é pessoal e subjetiva, porém se pode afirmar que, em geral, não é dada a devida importância à necessidade e aos benefícios de se possuir dinheiro. (SOUSA et al, 2008, p. 14)

Falar em dinheiro se torna complicado para muitos. Pessoas que admitem não ter um bom relacionamento no campo financeiro se sentem inseguras quanto ao seu futuro. Lacerda (2006) entrevistou personalidades sobre seu relacionamento com o dinheiro e vários famosos admitiram não se dar bem financeiramente. A conclusão, enfim, é a de que o dinheiro só se torna um problema quando falta. Assim, desde que surgiu o dinheiro, surgiu a necessidade de pensar sobre ele.

O dinheiro está incorporado à vida do cidadão, todas as relações comerciais implicam a circulação monetária, das mais simples de consumo até as relações mais complexas entre compradores e vendedores. Mesmo assim, poucos têm idéia da origem desse instrumento de troca, tampouco das vantagens que a utilização do dinheiro trouxe ao comércio e ao desenvolvimento econômico.

Não há exatamente um consenso quanto à origem do dinheiro.

As primeiras moedas [talvez] tenham sido cunhadas pelos habitantes da Lídia, pequeno reino situado na península da Anatólia, entre 640 e 630 a.C. Apesar de os habitantes desse reino não terem tido grande notoriedade histórica, a sua invenção revolucionou as transações comerciais na época e suas conseqüências são sentidas até os dias de hoje.

Desde o surgimento das primeiras moedas, a circulação de dinheiro derrubou alguns entraves ao comércio em virtude das funções de instrumento de troca e de medida de valor que possui. O principal entrave estava associado a dificuldades para as pessoas acordarem o pagamento das mercadorias que gostariam de negociar. (SOUSA et al, 2008, p.34)

O dinheiro nivelou o problema da equivalência entre os valores dos bens trocados, transformando-se em um denominador comum. Outra função descrita por

Sousa et al (2008, p.34-35) é a de preservação do valor, derivando daí a poupança daquilo que não fosse preciso.

Além disso, dada sua função de guarda de valor, também permitiu, a seus detentores, guardar parte do que eventualmente não fosse gasto. Com a maior utilização do dinheiro, passaram a ser confeccionadas moedas de metais de baixo poder reativo, como as ligas de ouro ou prata, o que as tornava mais resistentes à ação do tempo. Com isso, o dinheiro poderia ser guardado, permitindo, assim, o acúmulo de riquezas.

Na Grécia Antiga, conselhos a respeito de como usar melhor as finanças eram comuns nos discursos dos filósofos. Uma passagem da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, ilustra bem a preocupação com que o sábio grego discorria sobre o assunto:

A pessoa que tende para o excesso e é vulgar excede-se, como já dissemos, por gastar além do que seria razoável. Agindo assim, ela gasta demais e demonstra um exibicionismo de mau gosto em ocasiões pouco importantes [...]. E tudo isso ela faz não por motivo nobilitante, mas para exibir sua riqueza, e por pensar que é admirada em consequência dessa maneira de agir; ademais, onde deve gastar muito ela gasta pouco, e onde deve gastar pouco gasta muito (1996, p.180).

Com a invenção da imprensa, durante o século XV, teve início a produção do papel moeda, mantendo-se a produção das moedas. Este tipo de dinheiro dominou todas as transações comerciais até o início da década de 1970. Quando se iniciou a segunda era do dinheiro (SOUSA et al, 2008, p. 35).

Com o surgimento do caixa eletrônico deu-se início a era dos rápidos avanços tecnológicos e facilidade para se conseguir dinheiro. “Mais que a invenção de uma máquina, a introdução do caixa eletrônico deu início à época caracterizada pela utilização de avançados recursos tecnológicos e de telecomunicações” (SOUSA et al, 2008, p.35), especialmente na área de transmissão de dados, para o aumento da rapidez em se conseguir produtos e serviços financeiros em geral.

Atualmente vive-se a terceira fase da história monetária: era do dinheiro eletrônico, em que é possível realizar transferências de recursos quase que instantaneamente, pagar contas de água, luz, telefone e gás apenas de uma simples operação eletrônica em qualquer computador conectado à Internet, um telefonema aos serviços de *bankfone* ou, até mesmo, nos diversos caixas eletrônicos espalhados em vários pontos das principais cidades do mundo. (SOUSA et al, 2008, p.35)



Os mesmos instrumentos proporcionaram o investimento em aplicações como as cadernetas de poupança e as várias categorias de fundos mútuos de investimento. A movimentação do dinheiro eletrônico também permitiu a compra e a venda de ações nas diversas bolsas de valores do mundo, o investimento em instrumentos derivativos, *commodities*, mercados futuros, simplesmente com o envio de impulsos eletrônicos através de uma linha telefônica (SOUSA et al, 2008, p.36).

A era do dinheiro eletrônico também está associada ao surgimento do chamado dinheiro de plástico, ou seja, cartões de crédito, de débito ou mesmo os pré-pagos. Desde que foi criado, na década de 1950, o dinheiro de plástico passou cada vez mais a substituir as tradicionais moedas nas transações comerciais. Por uma tarja magnética no verso dos cartões, os consumidores tem acesso aos mais diversos produtos e geralmente podem utilizar seus cartões em vários países. A grande disseminação dos cartões pode estar associada à segurança e às facilidades trazidas para consumidores e comerciantes. (SOUSA et al, 2008, p.36)

O dinheiro representado por notas ou moedas passou a corresponder apenas a uma mínima parte de todo o dinheiro em circulação no mundo. O dinheiro atualmente é escritural, associado a uma imagem no monitor dos computadores, percorrendo milhares de quilômetros quase que instantaneamente, praticamente invisível. Paradoxalmente, mesmo que não tenha uma localização real, o dinheiro criou um ambiente em que está em toda parte sem, contudo, ocupar um lugar físico: está presente desde pequenos vilarejos até grandes metrópoles, desde as mais rústicas residências até os mais sofisticados centros financeiros internacionais.

As facilidades de acesso ao dinheiro despertam no ser humano o desejo de consumo. A maioria consome mais do que precisa e muitos se endividam desnecessariamente, a origem do consumo exibicionista remonta ao século XIX: a construção das ferrovias norte-americanas concentrou o poder em uma minoria que “encantados com as possibilidades de consumo que suas recentes fortunas de bilhões permitiam, [...] provocavam alarde e atraíam olhares reverentes e ambiciosos para seu espalhafatoso estilo de vida.” (D’AQUINO, 2008, p.5).

Os novos-ricos americanos, com suas manias exibicionistas despertavam admirações e a maneira ostensiva com que inflavam seus símbolos de riqueza deu origem à ética do consumo. “Nessa nova perspectiva, as pessoas deixavam de ser identificadas pela maneira como produziam e passavam a ser comparadas e avaliadas a partir dos produtos que exibiam”.

De acordo com D'Aquino (2008, p.6):

[...] num cenário que apenas despontava, características que persistem e determinam em larga medida o que a maior parte de nós faz de sua vida ainda hoje. [...]em função dessa síndrome, nenhum mérito advinha do consumo dos bens indispensáveis à vida. O importante, o respeitável, passara a ser o comportamento perdulário. Ter dinheiro no banco tornara-se um meio insuficiente de propagar superioridade. O dinheiro devia ser alardeado, ou seja, gasto com exagero em coisas que estão além das necessidades básicas. Resultado desse processo social foi a formulação de um achado tão presente em nosso cotidiano: o importante não é ser. O que importa é ter para parecer ser. [...] o desejo de ser importante faz com que pessoas de todas as classes sociais com frequência tentem viver acima de suas possibilidades. [...] nenhuma classe social - nem os muito pobres - abre mão do consumo exibicionista.

A Grande Depressão das décadas de 1920 e 1930 diminuiu o ímpeto do consumismo crescente a partir das fortunas norte-americanas. No entanto, este comportamento voltou à ordem do dia a partir da década de 1980, quando surgiram novas levas de bilionários. Muitos, oriundos do incrível desempenho do mercado de ações no EUA e outros, originários da expansão dos mercados de eletrônicos, softwares, telecomunicações e indústria de entretenimento (D'AQUINO, 2008, p.6).

### 2.1.2 Renda x Consumo

Independentemente da origem do dinheiro, os hábitos, costumes e excentricidades que evidenciam a sua ostentação ressurgiram, colocando de novo a ética do consumo na ordem do dia, ainda mais intensamente do que quando esta se manifestou pela primeira vez.

O consumidor na atualidade encontra o crédito facilitado por uma infinidade de meios colocados a sua disposição. O acesso ao crédito permite o pagamento do produto ou serviço dentro de até 30 ou 40 dias, dependendo da data do vencimento da fatura. Depois de a receberem, os clientes ainda tem a opção de quitar apenas um percentual sobre o valor total, podendo pagar o restante em prestações nos meses subsequentes. Esta facilidade em combinação com o consumo exibicionista gerou um dos maiores problemas do ser humano da atualidade: a sobrecarga de dívidas irresponsáveis e a condição de dependência

dos endividados em relação àqueles dos quais tomaram dinheiro emprestado, seja lá qual foi a forma. (SOUSA et al, 2008, p.38-40)

Segundo Stigum (1973, p. 7-9) o consumidor desempenha duplo papel na economia de mercado e pode ser definido como uma unidade econômica que fornece serviços de fatores de produção e demanda produtos acabados. O consumidor é uma unidade tomadora de decisão de gastos.

Ainda segundo o autor, quase todos os consumidores, independente de qual seja seu nível de renda, possuem ativos e passivos. Os *ativos* de um consumidor são objetos de valor que ele possui e os passivos são as dívidas incorridas em compras a prazo ou prestações. Se forem somados os ativos de um consumidor e deles forem subtraídos o total de passivos, a cifra resultante – seja ela positiva ou negativa – será uma medida de sua riqueza ou de seu patrimônio líquido.

O consumidor tem motivos tanto para consumir como para poupar. O consumo é determinado por uma série de razões, que começam pelos bens e serviços que são necessários à sobrevivência: comida, roupas, abrigo. Depois vêm os bens que se consome por prazer ou enriquecimento interior e finalmente os que se consome por que infere prestígio ou *status*. É sabido que o consumidor não quer apenas consumir bens para sobreviver, mas principalmente para obter prazer e prestígio, supõe-se, portanto, que seus desejos de consumo são ilimitados. (STIGUM, 1973, p. 14)

Segundo Passos e Nogami (2002), o fator que mais influencia na determinação do consumo em uma economia é a renda. Com base nesse dado é possível introduzir a função que descreve a demanda total de consumo de todas as famílias da economia, função essa que demonstra que as despesas de consumo dependem da renda disponível dessas famílias, variando diretamente com a mesma. Algebricamente a função do consumo pode ser representada da seguinte forma:

$$C = f(Y)$$

Onde Y representa a renda, que é uma variável independente do consumo, aqui representado pelo C, este que é uma variável dependente de Y.

A função consumo é um termo criado para designar a parte da renda que é despendida em consumo e ela se baseia na “Lei Psicológica Fundamental” que diz: “Os homens estão dispostos, quase sempre e em média, a aumentar seu consumo à medida que a sua renda aumenta, mas não pela quantia do aumento em sua renda”.

### Para Passos e Nogami (2002)

“a função consumo trata, portanto, da relação entre o consumo e a renda. (...) e mostra o nível de despesa que os consumidores estão dispostos a incorrer em bens e serviços, em todos os níveis de rendas possíveis”

Partindo dessa análise, é possível afirmar, portanto, que o montante total que a sociedade despende em consumo depende do seu nível de renda, de circunstâncias objetivas, como as variações no nível de salários, nível de tributação e os controles governamentais e ainda, do comportamento dos indivíduos em nível psicológico e de hábitos de consumo.

Para um leigo, despesas, gastos e custos significam, na maioria das vezes, a mesma coisa: um dispêndio, no entanto há diferenças entre esses três termos.

Gasto é todo dispêndio financeiro, todo sacrifício que uma entidade arca para a aquisição de um bem ou serviço. O conceito de gasto é bastante amplo. Entre alguns exemplos de gastos, cita-se a aquisição de máquinas, equipamentos, veículos, móveis, ferramentas, etc. Um gasto pode se transformar num investimento que, sucessivamente, se torna um custo e uma despesa.

Custo é o gasto, ou seja, o sacrifício financeiro que a entidade arca no momento da utilização dos fatores de produção para a realização de um bem ou serviço. Os custos podem ser entendidos conforme o segmento da entidade. No comércio, a aquisição de mercadorias é o custo, já na indústria, ele é entendido como a aquisição de matérias-primas, insumos e mão-de-obra na produção de um bem.

As despesas estão relacionadas com os gastos usados para a obtenção de receitas.<sup>1</sup>

#### 2.1.3 Panorama do controle financeiro da população consumidora no Brasil

A economia brasileira apresenta grande potencial de crescimento e conta com um significativo mercado consumidor. O Brasil já é o sétimo mercado consumidor do mundo, segundo o relatório *State of the World 2004* (Estado do Mundo 2004),

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.brasilecola.com/economia/gastos-custos-despesas.htm>

elaborado pelo WorldWatch Institute, com sede em Washington. Mas tem apenas 33% da sua população do país incluída nessa "sociedade de consumo".

O "público consumidor" é definido pelo relatório com base na análise do consultor Matthew Bentley, do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas, que define como "classe consumidora" as pessoas com poder de compra (renda ajustada segundo preços locais) de mais de US\$ 7 mil, ou cerca de R\$ 20 mil, por ano.

Por esse critério, o Brasil conta com 57,8 milhões de consumidores. Em primeiro lugar no ranking estão os Estados Unidos com 242,5 milhões de integrantes da "sociedade de consumo", ou 84% da população do país. A China vem logo em seguida, com 239,8 milhões de consumidores (19% da população).<sup>2</sup>

D'Aquino (2008, p. 7), observa que

[...] há alguns outros aspectos que devem ser considerados se pretendemos compreender as razões de nossa difícil lida com os assuntos financeiros. Em quase todo o mundo, conquistas recentes - como a ampla participação da mulher no mercado de trabalho, a diminuição do número de filhos por casal e o surgimento de múltiplas estruturas familiares — acrescentaram ingredientes complicadores à relação com o dinheiro. Um exemplo claro é o fato de que nas famílias residentes em centros urbanos, em que pai e mãe trabalham fora, as reuniões familiares acontecem com mais vagar, quando não exclusivamente, nos finais de semana. Com frequência os encontros ocorrem em situações que de alguma maneira invocam o consumo. As compras no *shopping*, o almoço no restaurante, o DVD escolhido na locadora são programas familiares corriqueiros. Essa prematura exposição ao consumo tem levado algumas crianças, desde muito novas, a juntar e confundir o prazer da convivência com os pais ao prazer do consumo. Não por acaso, quando ainda nem bem conseguem falar, dão de balbuciar que lhes comprem isso e aquilo. A (con) fusão entre afeto e consumo pouco a pouco ameaça a convivência familiar e, progressivamente, transforma em siameses prazer e compra.

No Brasil, ao lado da falta de conhecimento e de disciplina financeira, percebe-se que muitos brasileiros cultivam a prática financeira de curto prazo, voltada ao consumo, conforme demonstra Sousa et al (2008, p.21):

Para se ter uma idéia, mais de 82% do orçamento médio de uma família brasileira destina-se a despesas de consumo. Esse patamar supera 90% do orçamento para famílias com rendimento mensal de até R\$ 1,2 mil (rendimento em que se enquadram 58,5% das famílias brasileiras) e se mantem acima de 70% mesmo entre as famílias mais ricas.

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=s121>

Esses dados constam da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre os anos de 2002 e 2003 [...].

A mesma pesquisa [...] revela outros números que apontam para a tendência consumista da sociedade brasileira: enquanto uma família destina pouco mais de 3% do orçamento familiar mensal para gastos com educação, são destinados mensalmente, em média, 10,59% do rendimento familiar a gastos com automóvel, incluindo despesas com combustíveis, manutenção e aquisição de veículos próprios.

#### 2.1.4 O orçamento do cidadão brasileiro

A estabilidade monetária trouxe a possibilidade de planejar o futuro, hábito prejudicado pelos vários anos vividos sob o jugo de uma inflação estratosférica. O brasileiro, desacostumado a descortinar o seu futuro financeiro e habituado ao consumo imediato, pode, enfim se educar financeiramente com vistas a um planejamento uma aplicação adequada para suas economias.

No entanto, não é tão fácil assimilar novos hábitos. A mistura de exibição e pouco dinheiro é maléfica e difícil de ser erradicada enquanto vício. Muitas pessoas ainda não se conscientizaram de que consumir desarvoradamente é um péssimo hábito não só para seu bolso, mas também para o próprio futuro do planeta, uma vez que vai se estar produzindo mais sobras. É preciso pensar na própria educação e na responsabilidade do exemplo para as gerações vindouras.

Os tempos mudaram: a inflação já esta sob controle há mais de uma década e o Brasil vive um regime democrático há mais duas décadas. Porém, apesar de parecer muito tempo, dez ou 20 anos ainda não foram suficientes para a modificação do comportamento em relação à nova dinâmica financeira vivida pelo país, enfim ainda não se descobriram meios eficazes de mudar a cultura financeira do brasileiro.

Mas este panorama está mudando. Não é uma mudança a curto prazo, pois envolve todo um processo de reeducação comportamental em relação aos gastos geradores de dívidas prejudiciais à vida do indivíduo. A população deve se voltar para o aproveitamento do atual estágio de estabilidade político-econômica, procurando administrar melhor as finanças pessoais com o objetivo de obter maior satisfação pessoal e melhor qualidade de vida, uma vida sem dívidas.

È possível fazer uma análise, sob o ponto de vista que, embora o Brasil seja um dos piores em distribuição de renda no mundo, a população é criativa, busca

formas de aumentar seus rendimentos ou apela para os financiamentos e, cede ao consumo.

O século XXI é uma grande vitrine a respeito da falta de planejamento para a independência financeira. Há uma grande quantidade de famílias, que convivem com seus filhos até os 30 anos morando na casa dos pais, por exemplo. Pais cada vez mais assumindo, os ônus financeiros não só de filhos, mas também arcando a educação dos netos. Geralmente, as pessoas maduras que produziram seus próprios impérios econômicos, não sabem compartilhar a plenitude da vida com seus familiares e herdeiros. Sabem dar bens, presentes, coisas, mas não sabem porém o mais importante, que é estimular a produção da riqueza a partir dos talentos de cada um. Essa é a verdadeira riqueza sustentável, a que se multiplica.<sup>3</sup>

#### 2.1.5 Medidas para reduzir o consumo e manter o orçamento

Para muitos, escola particular, carro do ano, serviços de empregada doméstica, roupas da moda e outros elementos do gênero, são gastos essenciais. No entanto, são os primeiros itens a serem cortados, segundo economistas, quando se precisa economizar.

A primeira medida para começar a economizar é analisar o orçamento ou, se for o caso, fazer um imediatamente, e verificar onde é possível cortar os gastos. O próximo passo é ter firmeza para evitar novas dívidas, mesmo que seja necessárias medidas radicais como cancelar o cartão de crédito, o limite do crédito especial e fugir dos crediários. Reduzir despesas não é possível em todos os campos do cotidiano, mas alguns cortes podem trazer resultados surpreendentes.

Segundo Halfed (2001, p. 5), dentre tantas outras razões, a que mais influencia no consumo desmedido e na dificuldade de poupar, é a herança cultural deixada pelos antepassados

Há poucas pesquisas sobre o assunto. Creio que nós, seres humanos, temos naturalmente uma grande dificuldade em poupar. Nossos antepassados na pré-história consumiam tudo o que conseguiam obter nas caçadas. Eles não dispunham de refrigeradores. A possibilidade de não ter

---

<sup>3</sup> Disponível em: [http://financenter.terra.com.br/Index.cfm/Fuseaction/Secao/Id\\_Secao/432](http://financenter.terra.com.br/Index.cfm/Fuseaction/Secao/Id_Secao/432)

o que comer no dia seguinte fazia com que devorassem o máximo que podiam para manter nos tecidos adiposos as reservas de energia. Nossa civilização mudou muito e, hoje, não só dispomos de refrigeradores, como de diversas formas de guardar dinheiro. A internet já se propõe a revolucionar o sistema financeiro, reduzindo substancialmente os custos dos bancos e das corretoras de valores. Entretanto, parece que nós ainda mantemos conosco o mesmo instinto de nossos antepassados. Desejamos, ardentemente, consumir tudo hoje.

Essa cultura tem influência negativa na administração financeira, pois os instintos naturais podem induzir as pessoas ao consumo imediato.

Halfed (2001, p. 16) apresenta uma sugestão para que se consiga vencer esses obstáculos naturais e assim, se busque reduzir o consumo e manter o orçamento

Uma boa maneira de superar as tentações naturais é assumirmos compromissos com nós mesmos. Devemos sempre estabelecer metas, escrever regras e reavaliar nosso desempenho periodicamente. Esse exercício requer muita disciplina, mas trará boas recompensas.

Para Frankenberg (2002, p. 200)

Cada família terá de adotar cortes em itens de sua livre escolha. Mas cortar despesas não é fácil, quando o dinheiro já é curto e medido. Por isso, é preciso um pouco de método para definir prioridades e descobrir onde e quando cortar. O processo deve começar pelo detalhamento de suas despesas mensais. Para isso, monte uma planilha, relacionando todas as saídas de dinheiro do mês, mesmo as que pareçam totalmente insignificantes.

O ideal é estabelecer metas, como por exemplo: não comprar mais que o necessário, identificar os itens de extrema necessidade, determinar um percentual de redução de gastos e trabalhar em torno dele, determinar dias para compra e dias para a abstinência, reduzir despesas com juros, fazer negociações com gerente de bancos e ou financeiras, alongando o prazo de pagamento de uma prestação entre outros. É comum, quando se pensa em reduzir despesas, o desencorajamento, porque o que vem à mente é o fato de ser preciso deixar determinadas coisas que já faziam parte da rotina da casa, mas ao tomar a decisão de cortar despesas para ajudar a alcançar objetivos financeiros, é importante encarar como uma coisa boa e que vai ajudar a melhorar a utilização do dinheiro.

Devido aos diferentes fatores que podem interferir nas metas traçadas, alguns planos podem precisar de alteração, de ações complementares e, é preciso que se esteja preparado para as mudanças necessárias. A correta definição das metas é



uma etapa bastante importante para a realização dos objetivos; pois além de serem realistas, todos os envolvidos devem estar de acordo, comprometidos e crentes que elas serão alcançadas. Fatores externos podem influenciar na determinação das metas, o ideal é que sejam previstos e constem no planejamento, como por exemplo, o encerramento da fonte de receita, ou seja, o desemprego. (SCHENINI, 1997, p. 81)

## 2.2 Planejamento de Despesas

Realizar o planejamento das finanças pessoais além de evitar imprevistos no fim do mês, permite que a pessoa conheça o seu real poder de compra, o domínio dos valores disponíveis e dos já comprometidos. O planejamento auxilia na criação de um hábito de priorização de despesas e isso melhora a relação com o dinheiro, ajudando inclusive, a economizar. As receitas extras passam a ficar visíveis e podem ser melhor aproveitadas, deixando de ser a salvação do final de ano, como ocorre com o décimo terceiro ou a restituição do imposto de renda, por exemplo. O ideal é que essas receitas entrem no planejamento para suprir gastos sazonais, como ao pagamento de impostos e demais gastos referentes ao início do ano. (HALFED, 2004)

E por fim, afirma Halfed (2004), a existência de um planejamento é justificada, pela capacidade de organizar o dinheiro, as entradas e as saídas, para que se chegue ao ideal, que é providenciar todos os pagamentos e ainda perceber a possibilidade de poupar, ou seja, reservar parte da receita, manter valores em aplicações, em poupança ou mesmo disponível em conta corrente, disponível para despesas essencialmente inevitáveis e não programadas, como é o caso, de questões ligadas à saúde e até mesmo redução da renda ou perda do emprego.

Segundo Halfed (2004) “o planejamento financeiro é um hábito que, quanto mais cedo se começa mais fácil ele é incorporado na rotina” e que estimular os filhos e demais familiares a criar estratégias de orçamentos para se atingir uma meta, é dar-lhes ferramentas contra eventuais crises financeiras futuras. Preparar-se e prepara a família para o regramento econômico pessoal é uma forma de dar-lhes a medida da tranquilidade.

Junto com a importante ação de planejar está a de poupar, que não deixa de ser uma forma de assegurar o consumo futuro ou evitar o fracasso financeiro. Para

Halfed (2004) “poupar é adiar o consumo presente visando a um consumo maior no futuro. As pessoas poupam com dois objetivos básicos: consumir mais em breve e enfrentar o declínio natural da capacidade produtiva do homem”. É inegável que tais propósitos garantem, na prática, uma compensação para o sacrifício de não consumir hoje, gastar menos do que a renda permite e de acumular reservas a serem utilizadas no futuro. Poupar é importante não só para o indivíduo mas para a nação.

O planejamento também auxilia na avaliação do balanço patrimonial, ou seja, permite que o indivíduo saiba como está a situação financeira ao longo do tempo, se ganhou ou perdeu dinheiro num determinado período.

Halfed (2004, p. 114-115) define balanço patrimonial como: “uma fotografia da situação financeira de uma pessoa ou de uma empresa, em uma determinada data, baseando-se nos seus ativos e passivos”.

O autor ainda explica que: “ativo é o conjunto formado pelos bens e direitos, como carro, moradia, valores depositados em banco, saldo do FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço entre outros”. E que passivo é “o conjunto de dívidas acumuladas no cartão de crédito, nos financiamentos do carro, na mensalidade da escola”. Da realização do balanço patrimonial é possível obter o patrimônio líquido, ou seja, a riqueza do indivíduo.

Sabendo-se que o objetivo da sociedade capitalista é aumentar o seu patrimônio líquido, com base no balanço patrimonial é possível analisar formas de promover incrementos nos ativos e de redução nos passivos.

### 2.2.1 Orçamento doméstico - Planejamento de entrada x saída

Orçamento doméstico é uma previsão de receitas e despesas, realizada mês a mês, baseada nas necessidades de cada um dos membros familiares. Esse planejamento permite a priorização dos gastos, de modo a permitir que se atenda às necessidades, com a renda disponível.

A elaboração do orçamento doméstico deve começar pelas despesas essenciais, como alimentação e moradia, em seguida são listadas as demais, sem uma ordem específica, preferencialmente, estipular as prioridades, as despesas de maior urgência e inadiáveis é que devem aparecer primeiro. Devem ser incluídos os gastos com despesas sazonais e de gastos imprevistos, como o pagamento de

taxas, a troca de uma torneira ou o concerto de um fogão, por exemplo. (SCHENINI, 2004)

O planejamento é uma ferramenta simples, de baixa complexidade e grande eficácia. Trata-se de uma tabela, contendo todas as necessidades, os valores previstos e os valores gastos, ao fim um balancete do total de despesas que deve ser comparado com a receita total. Esse comparativo apontará, o saldo ou o *déficit* do fim do mês.

Segundo Schenini (2004, p. 77)

O orçamento doméstico tem a ver com os sonhos mais profundos de todos nós. Como? Você não está exagerando a relação? Lembre-se, então, de que, para realizar a grande maioria dos nossos sonhos, temos um longo caminho a percorrer que geralmente requer muito esforço e dedicação e, quase sempre, algum dinheiro extra. Quais são seus sonhos mais acalentados? Comprar uma casa própria? Comprar um carro? Abrir seu próprio negócio? Como você pode perceber, a grande maioria de nossos sonhos sempre envolve a necessidade de recursos financeiros – seja de maneira direta ou indireta.

Por exemplo, você pode querer fazer um curso gratuito, porém, para frequentá-lo você precisa parar de trabalhar por um tempo. Então seu sonho é grátis; mas para realizá-lo, lhe será necessário formar um monte de recursos suficiente para sua sobrevivência nesse período.

Para qualquer objeto ou atividade que se deseje, os recursos financeiros são imprescindíveis, sendo assim, um planejamento adequado é de grande importância para obtenção e utilização desses recursos.

A elaboração do orçamento doméstico, embora seja uma tarefa não tão fácil e que exige muita disciplina, é extremamente necessária quando envolve planos futuros. Conforme o rendimento das famílias cresce, os componentes fundamentais passam a representar um percentual menor do orçamento e itens de menor relevância passam a ter significado. (FRANKENBERG, 2002, p. 201)

A sociedade pode estar inserida em diferentes classes de ganhos, que no Brasil costumam ser divididas de acordo com a quantidade de salários mínimos mensais recebidos pelos membros de uma mesma família. Normalmente a habitação, a alimentação e o transporte são os componentes fundamentais do orçamento do cidadão brasileiro, por serem os mais representativos proporcionalmente.

Para conhecer a realidade do orçamento da população órgãos do governo realizam pesquisas de orçamento familiar para se certificar da forma como ocorre a

distribuição da renda das famílias. Abaixo um modelo resumido de questionário utilizado nas POFs dos últimos anos.

**Tabela 1 – Modelo de Planilha para Pesquisa de Orçamento Familiar**

<b>Estrutura do orçamento doméstico</b>		
	<b>Elementos</b>	<b>%</b>
<b>1.</b>	<b>Alimentação</b>	<b>39,00</b>
1.1.	No Domicílio	37,13
1.1.1.	Hortifrutas	4,37
1.1.2.	Carnes, peixes e ovos	9,28
1.1.3.	Leite e derivados	4,21
1.1.4.	Cereais, massas, pães etc.	11,15
1.1.5.	Outros no domicílio	8,12
1.2.	Fora do domicílio	1,87
<b>2.</b>	<b>Habitação</b>	<b>25,20</b>
2.1.	Locação, impostos e taxas	14,71
2.2.	Manutenção	2,40
2.3.	Serviços públicos	6,39
2.4.	Outros	1,70
<b>4.</b>	<b>Transporte</b>	<b>8,80</b>
4.1.	Coletivo	4,74
4.2.	Individual	4,06
<b>7.</b>	<b>Saúde</b>	<b>3,60</b>
7.1.	Assistência médica	2,17
7.2.	Medicamentos e produtos farmacêuticos	1,43
7.3.	Aparelhos	-
<b>5.</b>	<b>Vestuário</b>	<b>7,48</b>
<b>6.</b>	<b>Educação e leitura</b>	<b>3,50</b>
6.1.	Educação	3,10
6.2.	Leitura	0,40
<b>3.</b>	<b>Equipamentos domésticos</b>	<b>7,12</b>
3.1.	Eletrodomésticos	3,21
3.2.	Móveis	2,55
3.3.	Outros	1,36
<b>9.</b>	<b>Despesas pessoais</b>	<b>5,18</b>
<b>8.</b>	<b>Recreação</b>	<b>0,12</b>
<b>10.</b>	<b>Despesas diversas</b>	<b>-</b>
	<b>Total</b>	<b>100,00</b>

Fonte: DIEESE - POFs

Estas pesquisas servem de base para determinação de uma série de elementos na economia do país, dentre elas a determinação de preços de alguns

elementos, principalmente produtos alimentícios que lideram as pesquisas como itens que mais ocupam a renda.

### **3 RESULTADO DO ESTUDO**

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a família brasileira tem um rendimento médio mensal específico, foi a POF 2002-2003 a responsável pelo levantamento dos dados e revelou que a média do rendimento familiar mensal no Brasil - composta por uma parcela monetária e outra não monetária - é R\$ 1.789,66. O presente capítulo apresenta a análise e a comparação de orçamentos domésticos realizados com famílias da área urbana, classificadas como classe média, ou seja, famílias cuja renda é superior a média nacional, portanto, a análise desenvolvida refere-se a famílias com rendas que variam entre R\$ 1000,00 e R\$ 7000,00.

Foram levantados os principais itens de consumo e seus percentuais de ocupação da renda. A determinação dos itens de consumo se baseia na Pesquisa de Orçamento Familiar realizada a cada cinco anos pelo IBGE, que investiga de maneira detalhada o orçamento das famílias, implicando uma mensuração apurada dos rendimentos e do consumo, possibilitando novos focos de análise das condições de vida das famílias brasileiras, a partir de seus orçamentos domésticos.

#### **3.1 Pesquisa de Orçamento Familiar**

Com base nos itens questionados pelas POF, foi desenvolvido um questionário (ANEXO 1) que foi distribuído para quatro famílias da área urbana, cujas rendas as enquadram na classificação de classe média brasileira, entre R\$ 1000 e R\$ 7000,00.

#### **Tabela 2 – Orçamento Doméstico Família 1**

Faixa de renda familiar: R\$ 1.000,00 à R\$ 2.000,00

Número de pessoas na residência: 03

Sexo: 01 masculino e 02 femininos

Faixa de idade: 3 a 35 anos

Número de pessoas que geram renda: 02

Profissão: Motorista e Caixa

Grau de instrução: Ensino Médio

Tipo de moradia: Casa própria

<b>Elementos de Consumo</b>	<b>Valor (em R\$)</b>	<b>%</b>
Saúde:	R\$ 200,00	10,00%
Alimentação:	R\$ 450,00	22,50%
Vestuário	R\$ 120,00	6,00%
Higiene	R\$ 100,00	5,00%
Educação	R\$ 00,00	0,00%
Transporte (IPVA) (locomoção)	R\$ 350,00	17,50%
Telefone /Internet / Água / Luz	R\$ 120,00	6,00%
Lazer	R\$ 100,00	5,00%
Outras despesas	R\$ 200,00	10,00%
<b>Total Despesas</b>	<b>R\$ 1.720,00</b>	<b>86,00%</b>

Fazem parte desta família dois adultos com idade entre 3 e 35 anos, sendo: o marido motorista e a esposa operadora de caixa, os quais geram a renda familiar na faixa que varia entre R\$ 1.000,00 à R\$ 2.000,00. Possuem uma filha de 3 anos, que não estuda. O nível de escolaridade do casal é ensino médio completo, a família possui veículo e casa própria.

A planilha aponta que o maior gasto se acumula no item alimentação, dado o fato dos gastos com alimentação da criança. Os gastos com transporte e saúde, vem logo em seguida, representando 17,5% e 10% do orçamento total, respectivamente.

### **Tabela 3 – Orçamento Doméstico Família 2**

Faixa de renda familiar: R\$ 2.000,00 à R\$ 3.000,00

Número de pessoas na residência: 03

Sexo: 02 masculinos e 01 feminino

Faixa de idade: 10 a 37 anos

Número de pessoas que geram renda: 02

Profissão: Analista RH / Representante Comercial

Grau de instrução: 3.º Grau / Ensino Médio / Ensino Fundamental

Tipo de moradia: Casa própria

<b>Elementos de Consumo</b>	<b>Valor (em R\$)</b>	<b>%</b>
Saúde	R\$ 90,00	3,00%
Alimentação	R\$ 450,00	15,00%
Vestuário	R\$ 150,00	5,00%
Higiene	R\$ 150,00	5,00%
Educação	R\$ 150,00	5,00%
Transporte (locomoção)	R\$ 200,00	6,67%
Telefone / Água / Luz	R\$ 200,00	6,67%
Habitação (IPTU / Condomínio / Manutenção do Imóvel)	R\$ 750,00	25,00%
IPVA	R\$ 400,00	13,33%
Lazer	R\$ 150,00	5,00%
Outras despesas	R\$ 130,00	4,33%
<b>Total Despesas</b>	<b>R\$ 2.820,00</b>	<b>94,00%</b>

A família pesquisada é composta por três pessoas, sendo: dois adultos com idade entre 30 e 40 e um filho de 10 anos. Tanto o marido quanto a mulher são empregados e geram renda familiar.

Com relação a escolaridade, ela, a esposa possui 3º grau completo e atua como analista de Recursos Humanos. Ele, o marido tem ensino médio completo, e atua como representante comercial. As despesas com educação para o filho de 10 anos são bastante reduzidas já que este cursa o Ensino Fundamental em escola pública.

A renda desta família está na faixa de R\$ 2.000,00 à R\$ 3.000,00, eles possuem casa e veículo próprios. Nota-se que os gastos maiores desta família estão centralizados na habitação que representa um percentual de 25% da renda, onde

estão concentrado valores pagos de condomínio, IPTU e manutenção de imóvel, em seguida vem alimentação que compromete 15% da renda.

A despesa média mensal da referida família varia em torno de R\$ 2.800,00. O que representa praticamente a totalidade da renda e, portanto, justifica o fato de esta família não realizar investimentos no mercado financeiro e apresentar certa dificuldade em planejar melhorias na qualidade de vida ou realizar gastos que não estejam enquadrados na listagem acima.

De acordo com a declaração dos pesquisados, quando surge a necessidade de um gasto que não esteja previsto, como seria o caso de questões de saúde, por exemplo, o orçamento é extrapolado. E, inevitavelmente, são necessários empréstimos de cheque especial ou o atraso de alguns compromissos, o que acarreta no pagamento de juros.

**Tabela 4 – Orçamento Doméstico Família 3**

Faixa de renda familiar: R\$ 3.000,00 à R\$ 5.000,00

Número de pessoas na residência: 04

Sexo: 02 masculinos e 02 femininos

Faixa de idade: 15 a 44 anos

Número de pessoas que geram renda: 02

Profissão: Bancários

Grau de instrução: Ensino Médio

Tipo de moradia: Casa própria

<b>Elementos de Consumo</b>	<b>Valor (em R\$)</b>	<b>%</b>
Saúde:	R\$ 65,00	1,30%
Alimentação:	R\$ 800,00	16,00%
Vestuário	R\$ 350,00	7,00%
Higiene	R\$ 90,00	1,80%
Educação	R\$ 1.200,00	24,00%
Transporte (locomoção)	R\$ 500,00	10,00%
Telefone /Internet / Água / Luz	R\$ 260,00	5,20%



Habitação (IPTU / Manut Imóveis)	R\$ 600,00	12,00%
Lazer	R\$ 300,00	6,00%
<b>Total Despesas</b>	<b>R\$ 4.165,00</b>	<b>83,30%</b>

A família em questão é composta por quatro membros: dois adultos, ambos bancários com idade de 44 anos, Ensino Médio Completo, os quais geram a renda familiar que é na faixa de R\$ 3.000,00 à R\$ 5.000,00. Dois adolescentes com 15 e 18 anos, ambos estudantes, um no Ensino Médio e outro cursando Superior.

Nesta família nota-se que os gastos maiores estão concentrados na Educação em primeiro lugar com 24%, pois são dois filhos em idade escolar e frequentando escolas particulares, seguida da alimentação com 16%, habitação 12% e transporte 10%, no qual foi identificado o uso do transporte coletivo para deslocamento ao trabalho e estudo de todos os membros da família, e o uso de automóvel somente aos fins de semana e em viagens.

Logo em seguida vem vestuário e lazer com 6%, foi identificado o hábito de se fazer pequenas viagens para lazer familiar.

#### **Tabela 5 – Orçamento Doméstico Família 4**

Faixa de renda familiar: R\$ 5.000,00 à R\$ 7.000,00

Número de pessoas na residência: 04

Sexo: 02 masculinos e 02 feminino

Faixa de idade: 20 a 51 anos

Número de pessoas que geram renda: 03

Profissão: Eletricista / Op. Produção / Téc. Administrativo

Grau de instrução: 3.º Grau / Ensino Médio / Ensino Fundamental

Tipo de moradia: Casa própria

<b>Elementos de Consumo</b>	<b>Valor (em R\$)</b>	<b>%</b>
Saúde	R\$ 150,00	2,14%
Alimentação	R\$ 550,00	10,00%
Vestuário	R\$ 150,00	2,14%

Higiene	R\$ 200,00	2,86%
Educação	R\$ 120,00	1,71%
Transporte (locomoção)	R\$ 550,00	7,86%
Telefone / Internet / Água / Luz	R\$ 480,00	6,86%
Habitação (IPTU / Manut Imóveis)	R\$ 1.700,00	24,29%
Veículo (Financiamento / IPVA)	R\$ 1.300,00	18,57%
Lazer	R\$ 200,00	2,86%
Outras despesas	R\$ 250,00	3,57%
<b>Total Despesas</b>	<b>R\$ 5.450,00</b>	<b>77,86%</b>

O orçamento acima reflete a realidade de uma família composta por 4 pessoas adultas (pai, mãe e dois filhos), os pais na faixa de idade entre 45 e 55 anos, ambos com Ensino Fundamental Completo, onde o pai é Eletricista autônomo e mãe do lar. A faixa de idade dos filhos varia entre 20 a 30 anos, um do sexo masculino com Ensino Médio Completo, já atuando no mercado de trabalho, cuja profissão é Operador de Produção e outro do sexo feminino cursando Ensino Superior, também trabalhando na profissão de Técnico Administrativo.

A formação da renda desta família, que conta com os quatro integrantes, está na faixa de R\$ 5.000,00 à R\$ 7.000,00 e é complementada por outras fontes, como por exemplo, os valores provenientes de aluguéis de dois imóveis da família.

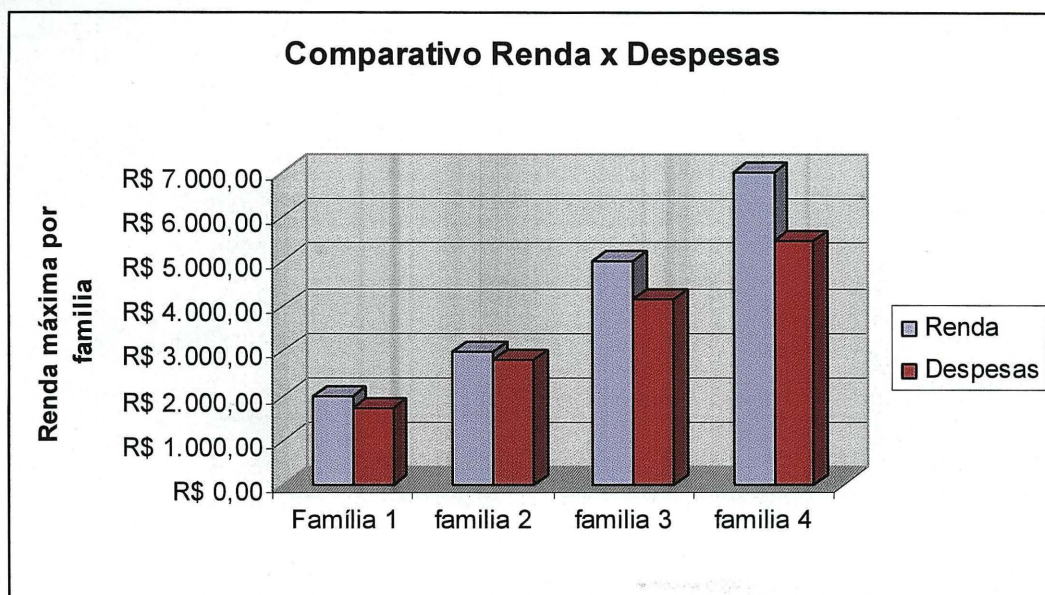
Nota-se que a porcentagem maior de gastos está em habitação que representa 24,29% do total da renda, sendo estes valores o somatório do que se paga em IPTU e manutenção dos imóveis, já que além da residência na cidade, possuem ainda uma chácara para lazer. Logo em seguida com 18,57% estão as despesas com veículo, incluindo o financiamento de um automóvel e os valores de IPVA, segue despesa com transporte 7,86% no qual está incluso combustível e deslocamentos via transporte coletivo.

### 3.2 Análise e comparações

Analisando o resultado da pesquisa realizada foi possível perceber a evolução do consumo de acordo com a renda, ou seja, a medida que a renda vai aumentando

as despesas também cresce proporcionalmente. Para ilustrar essa informação, os valores levantados de renda e despesas foram expressos em forma gráfica, conforme pode ser visto abaixo:

**Gráfico 1 – Comparativo de renda x despesas entre as famílias pesquisadas**



A pesquisa também apontou que é unânime a maior da ocupação da renda, na alimentação, habitação e transporte, independente de qual seja a renda da família.

As famílias com menor renda raramente dispensam um percentual para o lazer. A distribuição da receita está restrita aos elementos de necessidade básica, dos quais já se soma – a alimentação, moradia e transporte - a educação e o vestuário.

Das famílias pesquisadas nenhuma declarou realizar o planejamento do orçamento. Mesmo conscientes de sua importância e se mostrando capazes de realizar o controle, consideram-no como algo dispendioso, que toma tempo e se mostra duvidoso com relação a resultados. Duas das famílias se dispuseram a realizar o planejamento e no período de um mês declaram melhoria na administração do orçamento.

De posse das informações da renda (entrada) e dos gastos (saída) a família tem condições de planejar o seu orçamento, prever situações futuras e se programar para isso, utilizando ferramentas simples que podem auxiliar no controle dos gastos

de acordo com a renda. O planejamento do orçamento é um grande parceiro para a administração das finanças e, para que seja realizado, basta que se faça o levantamentos dos principais gastos e seja feita uma comparação com a renda disponível. Daí em diante podem ser analisados os valores de entrada em comparação com os valores de saída.

Cada indivíduo deve definir os itens mais importantes do seu orçamento, para então poder identificar os componentes que poderão ser diminuídos ou até eliminados dentro do orçamento da família. O orçamento familiar deve ser realizado conforme as necessidades de cada família, podendo apontar grandes diferenças de uma para a outra.

Para Frankenberg (2002, p. 202) “é um exercício interessante determinar que itens predominam em seu próprio orçamento. Somente após conhecer esse perfil de despesas e gastos, você deve determinar os cortes que poderá fazer”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Planejamento financeiro é um processo inteligente e racional de administrar os rendimentos, investimentos, despesas, dívidas, enfim o patrimônio. O objetivo de um planejamento é tornar realidade os sonhos, desejos e metas que com o passar do tempo, vão sendo almejado, tais como a casa própria, a boa educação dos filhos, a viagem dos sonhos, um bom investimento, o sucesso na carreira profissional, aposentar-se confortavelmente e por fim planejar e administrar um testamento, ou seja, partilhar.

Com base nos estudos e análises feitas na pesquisa realizada a respeito do orçamento doméstico, é possível afirmar que o gerenciamento adequado das finanças é o diferencial entre sonhadores e realizadores.

É interessante salientar, que mesmo em tempos de crise, o consumidor brasileiro continua confiante na possibilidade de melhora das condições econômicas. De acordo com uma pesquisa realizada pela FGV - Fundação Getúlio Vargas, o ICC - Índice de Confiança do Consumidor subiu 3,5 por cento de setembro para outubro do ano de 2008, atingindo 112,8 pontos, o que represente o maior nível da série histórica iniciada em setembro de 2005. O aumento da confiança é justificado pela melhora das expectativas em relação aos próximos meses. A proporção de consumidores que acreditam que a situação econômica deve melhorar nos próximos seis meses chega perto de 30% da população. Essa confiança é um fator motivador para mais e mais compras, esperança de uma boa fase econômica e despreocupação com o planejamento orçamentário.

O planejamento das finanças não visa apenas o sucesso financeiro, ele é relevante para o sucesso pessoal e profissional, serve como um mapa de navegação, mostra onde está, onde quer chegar e indica os caminhos a percorrer.

É possível afirmar que, se em um determinado período houver alteração do padrão de consumo, reduzindo-se a participação dos itens básicos, como a alimentação, habitação e transporte, isso pode indicar uma evolução positiva nos ganhos de rendimento. Isso significa, numa análise mais superficial, que se um determinado grupo social altera sua proposta de consumo pode ter melhorado seu modo de vida, pois poderá destinar mais recursos a outras áreas tais como educação e lazer, por exemplo.

## REFERÊNCIAS

D'AQUINO, C. **Educação financeira**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FRANKENBERG, L. **Guia prático para cuidar do seu orçamento**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

GALHARDO, M. **Finanças Pessoais – uma questão de qualidade de vida**. São Paulo: Totalidade, 2008.

HAFELD, Mauro. **Investimentos: Como administrar melhor seu dinheiro**. Fundamento: 2004. 2ª edição.

LACERDA, L. **Tudo o que já fiz por dinheiro**. 2 ed., Rio de Janeiro: Objetiva: 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1983.

LUQUET, M. **Guia valor econômico – finanças pessoais**. São Paulo: Globo, 2007.

PASSOS, Carlos Roberto Martins e NOGAMI, Otto. **Princípios de Economia**. São Paulo: Pioneira, 2002.

SCHENINI, Paulo Henrique. **Finanças para não-financistas**. Rio de Janeiro: SENAC RJ, 2004.

SILVA, E. D. **Gestão em finanças pessoais**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

SOUSA, A.F.; TORRALVO, C.F. **Aprenda a administrar o próprio dinheiro**. São Paulo: Saraiva, 2008.

STIGUM, Bernt P. **Economia**. Brasília: INL, 1973.

ZAREMBA, V. **Cuidando do seu dinheiro**. São Paulo: Saraiva, 1998. 3ª edição.

[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/gastoeconsumov2/06\\_Cap1.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/gastoeconsumov2/06_Cap1.pdf) - acesso em 03 de maio/2009

[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=171](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=171) – 03 de maio/ 2009<sup>1</sup>

<http://www.geografiaparatos.com.br/index.php?pag=sl21> – 03 de maio/2009

## **ANEXOS**

**ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DE ORÇAMENTO FAMILIAR**

**Número de Membros da Família –**

**Sexo de cada membro da família –**

**Idade de cada membro da família –**

**Grau de instrução de cada membro da família –**

**Se estudantes, escola pública ou particular?**

**Faixa de renda total –**

**Número de membros da família que compõem a renda –**

**Profissão de cada membro da família que compõe a renda –**

**Outras fontes de renda –**

**Tipo de Moradia –**

**Possui veículo próprio ?**

**Quantos veículos ?**

**Valor mensal de custos com:**

**- Alimentação:**

**- Saúde:**

**- Vestuário:**

**- Higiene:**

**- Educação:**

**- Transporte:**

**- Telefone:**

**- Água:**

**- Luz:**

**- Habitação:**

**- IPVA:**

**- Lazer:**

**- Diversos:**

**A família realiza controle do orçamento?**

**Porque?**